

A PEREGRINA: ESTUDO DO PROTESTANTISMO HISTÓRICO E LITERATURA

[Índice](#) [home](#) [Autores deste número](#)

Patricia Pazinato

1. Apresentação

Este trabalho constitui uma modalidade de exploração das idéias protestantes no Brasil e sua possível relação com a esperança de habitar simbolicamente um novo espaço de vida e relações sociais, tal como se deu no início desse movimento religioso e seus desdobramentos. Não tendo a pretensão de ser um estudo extensivo sobre o tema, procurara enfocar apenas alguns aspectos da chegada desse tipo de mentalidade no Brasil, e os anseios e ideais que supostamente enraizavam as atitudes daqueles que abriram os caminhos do protestantismo histórico no país.

A opção por essa temática busca complementar e ampliar os estudos sobre misticismo e protestantismo histórico, que estão sendo desenvolvidos por essa pesquisadora como aluna do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, auxiliando na compreensão das relações entre as idéias que associam a razão, a ética e os significados simbólicos e afetivos com ela relacionados.

As chamadas Ciências da Religião constituem-se como um campo onde se pode observar e estudar fenômenos nos quais os homens produzem sentidos, significados e ordenações que nascem do seu universo cultural de crenças e de fé. Leituras de sociólogos como Berger (1985) mostram que os indivíduos constroem a realidade do mundo contentemente facilitam que se estabeleçam conexões entre as três áreas de saber. Tecem uma relação entre o que se pode chamar de subjetividade e as percepções objetivas que experiências sociais e culturais oferecem. A realidade subjetiva do mundo depende do diálogo, com os dados simbólicos que a realidade apresenta. A manutenção da plausibilidade e a continuidade e ruptura dos processos a ela relacionados podem ser observados, uma vez que se aceite a relação entre a objetividade dos fenômenos sociais e religiosos e a subjetivação que o indivíduo faz dos mesmos, na construção do seu mundo de valores e de atitudes.

Nas relações sociais diversos sistemas articulam lógicas através das experiências produtoras de organização de sentido na trama do universo simbólico, e na modernidade, assiste-se a processos de transformação social e mudanças que suscitam estudos mais aprofundados e minuciosos por parte dos cientistas, que objetivam investigar o universo do sagrado e do mistério. A ciência das religiões, conforme Eliade (1992), constituiu-se a partir do século XIX, o que a torna recente, enquanto disciplina autônoma, apontando e estimulando os cientistas a efetuar pesquisas que contribuam para ampliar seu conhecimento e precisar seu objeto de estudo. A religiosidade é considerada como uma forma do homem construir sentidos para sua existência e uma das possibilidades da consciência em seu movimento de transcendência, isto é saltar de algum lugar sobre si mesma e ir além de si. Tal conceituação é aceita por autores como Amatuzzi (1999), Giovanetti (1999) e Ancona-Lopez (1999). Os autores acima citados deixam entrever um campo onde o indivíduo e sociedade se relacionam intimamente o que também está de acordo com a opinião de Touraine (1994) que diz que os componentes da religião permanecem e podem se transformar, mesmo que o sistema religioso que as sustenta desapareça. O sujeito torna-se humano, na Modernidade, deixando de ser divino, ou ser definido como razão. Ele é pessoal, uma relação do indivíduo ou do grupo em relação a eles mesmo. O autor identifica uma religião privada oposta a uma vida pública moderna, onde as seitas no mundo católico ou protestante permitem ao indivíduo a vivência do contato direto com o sagrado e da experiência comunitária de globalidade. Dada a complexidade e extensão dos fenômenos religiosos, a leitura interdisciplinar passa a ser não só uma opção, mas uma necessidade, ainda mais em se tratando de um país como o Brasil, cujas raízes culturais e históricas, apresentam a diversidade como processo que permeia dos modos de ser religiosos.

As contribuições da Psicologia importam como um campo que inclui estudos sobre as emoções humanas, oferece um horizonte para a compreensão do que se reconhece e se experimenta como esperança.

O *Dicionário Técnico de Psicologia* (1998) esclarece e define que uma emoção como a esperança é um complexo estado orgânico, de intensidade variável, acompanhado de alterações viscerais musculares, respiratórias, circulatórias, e sudatórias e de excitação mental muito acentuada. A emoção está frequentemente associada a ações internas de caráter impulsivo, no sentido de uma determinada forma

de comportamento pessoal ou social. Uma vez que se pense a esperança como sentimento, ela pode ser definida como uma disposição complexa da pessoa, predominantemente inata e afetiva, com referência a um dado objeto (outra pessoa, coisa, ou idéia abstrata) a qual converte esse objeto, naquilo que é para a pessoa. O sentimento é simultaneamente identificado pelo objeto e por certas relações entre a pessoa e esse objeto. Tais relações implicam além do afeto central, a influência de elementos mentais, (ou psíquicos) como as emoções englobadas nesse afeto.

Carl Gustav Jung (1958) um eminente autor no campo da Psicologia conceitua afeto como uma emoção, um sentimento de intensidade suficiente para causar uma agitação psíquica ou outros distúrbios psicomotores. Tem-se o comando sobre o sentimento, enquanto o afeto se introduz com a vontade e só pode ser reprimido com dificuldade. Nossas emoções nos acontecem o afeto ocorre no ponto em que a adaptação é mais débil e ao mesmo tempo aponta a debilidade do indivíduo. (Samuel, 1988). Ao referir-se às emoções relacionadas às experiências religiosas, Jung faz postula a idéia de uma estrutura central no psiquismo humano, nomeada como self. O Self seria o arquétipo responsável tanto pelo processo de individuação (tornar-se si mesmo) como pela sensação de totalidade psíquica. Quer a busca da singularidade, quer a experiência psíquica relacionadas a integração do eu ao cosmos, implicariam em profundas emoções, que podem ser pensadas a luz de uma experiência sagrada ou com o sagrado. Essa procura de bem estar e desenvolvimento, está relacionada à esperança, como um estado psíquico intimamente conduzido pelo self, enquanto organizador dessa experiência.

A partir dessas idéias pode-se vislumbrar que as emoções ou os sentimentos, como quer que se considere a esperança, implicam em uma ordem de experiência que imbrica o social, o psicológico e o corporal, pois embora seja possível pensar ao nível do indivíduo, sua ocorrência se dá em um meio social, que lhe atribui valores e significados, constituindo-se como um modo de comunicação com ambiente e a cultura e de vivenciar sentidos que lhe são atribuídos.

Freud (1963) o pai da Psicanálise, não fala diretamente da esperança, no entanto, quando desenvolve o conceito de desejo, mostrando que seu objeto é criado a partir de fantasias, de modo que o imaginário ocupa um papel central nessa construção, permite vislumbrar que tal sentimento pode ser a ele relacionado. Criar é um ato

psíquico, que aponta para um movimento direcionado pelo desejo. Postulou que o homem em sua natureza, é constituído por duas pulsões, a de morte (Tanatos) e a de vida (Eros) que estão em conflito, e que seus caminhos para descarga se encontram relacionados ao desejo, enquanto mola propulsora das representações mentais. Pode-se encontrar desejos aceitáveis socialmente, ou não, entre os quais, respectivamente : e a fraternidade e o parricídio (ou ainda o filicídio). Estes desejos podem estar associados a atitudes em relação ao sagrado, como o sacrifício, o imaginário sobre a morte de Deus, ou as atitudes de generosidade, benevolência, amor ao próximo, citados a título de exemplificação.

De acordo com Abbagmano (1998) em sua obra *Dicionário de Filosofia* o exame do conjunto de teorias da Emoção, das quais a esperança faz parte, aponta que ao longo da história do pensamento pode-se divisar duas grandes modalidades de considerá-las: ou elas são dotadas de significado, ou são desprovidas do mesmo. No último caso, situam-se os estóicos. A sua fundamentação sustenta-se na idéia de que a natureza é perfeita para a conservação da vida, tendo reservado aos animais os instintos e ao homem a razão. As emoções neste contexto de idéias não são provocadas por forças naturais, mas são diretamente relacionadas a leviandade, a estupidez e a ignorância. Pressupõe-se que o homem e o mundo são racionais e as emoções são atos de ver no mundo o que não existe e não pode existir, isto é algo que possa ameaçar a razão. Na outra ponta encontram-se as idéias de Santo Agostinho, São Tomás, Hobbes entre outros que situam as emoções entre as faculdades humanas mais importantes. Com Pascal o sentimento é reconhecido como autônomo e surge a idéia de paixão como uma emoção que pode dominar a personalidade humana. “Somente a partir da Segunda metade do séc. XIX, que as emoções tornam-se objeto de estudo e indagação científica e são consideradas em estrita conexão com os movimentos e os estados corpóreos que as acompanham. Com o desenvolvimento da modernidade surgem as idéias de autores como as dos filósofos existencialistas como Heidegger ou Sartre, e na Psicologia nomes como Sigmund Freud e Melanie Klein que apontam para a relevância das emoções têm quer na constituição da personalidade, quer nas relações que o homem estabelece com o mundo, implicando em profundidade as relações sociais, ou mais especificamente com o universo de valores culturais e conflitos sociais.

Um dos autores que no campo da Sociologia se ocupou da esperança como tema central de seus escritos e pesquisa é Henri Desroche (1914-1994). Suas obras situam-se segundo Mendonça (2002) no período intelectual do pós-guerra, no qual o desespero da “Morte de Deus” mesclaram-se ao tema da Esperança. Desta época são também os escritos de Jurgem Moltmann, *Teologia da Esperança* (1968), de Rubem Alves *Da Esperança* (1969) e Ernest Bloch *O Princípio Esperança* (1959). Em sua obra *Sociologia da Esperança* (1985) Desroche cita quatro formas de esperança:

“esperança como sonho em vigília; como ideação coletiva, como espera efervescente e como utopia generalizada. São aspectos de uma mesma coisa, isto é, de que está presente no indivíduo e na sociedade, certa insatisfação com o estado atual das coisas porque sentem que uma realidade melhor é possível. A primeira definição parece englobar as demais: a esperança é um sonho do homem acordado(...). Desroche nos ensina a tratar da esperança como a mais plebéia das logias, que é a sociologia. Tratando de tão sublime e humano tema, a plebéia reivindica um espaço nos salões das mansões da logias nobres. (Mendonça, 2002, p. 12).

Outro autor que fala da esperança no plano sociológico, é Roger Bastide. Para o autor de *Le sacré sauvage et autres études* (1975) a esperança é tratada como uma categoria a priori no ser humano, ou seja, o que impulsiona para a ação ou para a espera. A partir de Bastide e de Desroche pode-se observar que a esperança está vinculada a expectativa de realização de um sonho, ou de uma promessa que habita o plano religioso. Segundo Mendonça (2002) quando esses anseios são frustrados, pela institucionalização da religião, que muda a representação de Deus e domestica os desejos, pode surgir a revolta, que abre o horizonte para novos ajustes sociais, onde o desejo e as idéias que forma reprimidas podem ressurgir, de forma violenta, ou como proposta de novas utopias, ou movimentos religiosos. Assim pode-se vislumbrar como o fez Mannheim as variações entre ideologias e utopias no surgimento de novas religiões, ou nas rupturas e tentativas de ajustamento que ocorrem em seu interior.

As idéias acima citadas mostram um horizonte fértil para se pesquisar como se dá o surgimento e a construção da esperança no seio do protestantismo histórico. Que formas esse sentimento ou atitude toma? Pode aparecer abertamente, ou apenas habitar a marginalidade da instituição? A esperança toma parte na construção e manutenção da mentalidade protestante, ou ainda encontra-se como uma possibilidade não vivida em sua plenitude? A esperança é compartilhada mais diretamente, ou permanece como uma possibilidade de interpretação do texto bíblico, lá onde o olhar do fiel a encontra? Está

a esperança vinculada a questões de inclusão e exclusão social, enquanto permeada pelas vidas dos enraizados culturalmente ? Constituindo-se como perguntas indicadoras de rumos a serem explorados, são movimentos para se tentar alcançar uma problematização.

2. Problematização

Mendonça diz que a justificação pela fé pelo discernimento da presença de Deus nas situações-limites é a única coisa que pode dar sentido à mensagem protestante.

“A situação-limite é aquilo que Kierkegaard chamava de absurdo, obscuro, cheio de horror e fascínio, liberdade e culpa do ser humano. O protestantismo, o seu sentido, reside exatamente nesta situação: a confiança no sim futuro de Deus, não importando verdades e erros circunstanciais. Em termos existencialistas, a abertura livre para o futuro imediato – na situação-limite em que o justo e o injusto, o certo e o errado ainda não se configuram – o sim incondicional de Deus afasta a ameaça à existência humana”.
(Mendonça, 1997, p. 102)

Essas afirmações indicam que o Protestantismo Histórico, considerado enquanto a proclamação direta das verdades religiosas retiradas da Bíblia e das tradições uma vez institucionalizadas, provavelmente se constituiu em uma hermenêutica rígida e pretensiosa, que afasta as indagações presentes nas situações-limites e deixa desamparados seus fiéis, enquanto sujeitos dessa experiência humana mesma. Trata-se pois de acolher as buscas e as indagações dos fiéis, criando um espaço para que os resíduos das visões fragmentadas, idealistas e materialistas possam ser expressas e postas a prova, no movimento de que dá sentido a fé, diz Mendonça em sua discussão sobre protestantismo e cultura .(op. cit., 1997)

Assim pergunta-se sobre a possibilidade da experiência de esperança como ultrapassamento dessas indagações que se processam entre a ideologia e a utopia protestante. Tendo em vista que tal experiência é possível, quais são suas manifestações ? Considerando-se ainda que formas de expressão do protestantismo enquanto experiência religiosa, se dão através da razão, haveria espaço que comportasse a esperança enquanto uma emoção (ou um sentimento) ?

Nessa direção está Tillich correto ao afirmar que o princípio protestante é melhor vivido fora das igrejas oficiais ?

3. Justificativa

Pierucci (1997) ao referir-se aos interesses dos sociólogos da religião afirma que a qualidade necessária às pesquisas nessa área é que elas estejam sustentadas pela crítica moderna da religião, uma vez que esta apresenta-se em sua forma histórica, como meio de dominação e não somente como meio de relação com o sagrado e a criação de novos elementos culturais. A característica acima citada parece ser um dos aspectos centrais dos autores acima citados: Roger Bastide e Henri Desroche. Uma vez que se considere o Protestantismo Histórico, como um movimento religioso marcado pela predominância da razão, uma dos aspectos centrais demarcados pela Reforma, torna-se interessante explorar as experiências e manifestações que se relacionam a presença do afeto, como é o caso da esperança, pensada com uma amplitude psicológica e sociológica. A observação desse ponto pode contribuir para ampliar a compreensão do Protestantismo no Brasil. Uma busca inicial na literatura sobre essa denominação não apontou estudos nesta direção, mas sim na existência da esperança, enquanto um traço do projeto dos missionários que vieram a América Latina, tal como posto nos escritos de Bastian (1994, 1997). Assim, espera-se contribuir para que elementos pouco explorados na implantação e difusão do protestantismo histórico, possam ser descortinados, mesmo que de forma circunscrita. De acordo com Santos (2003) o Protestantismo se propagou como uma religião da palavra, sendo a prática da leitura fundamental, tanto para o cultivo da verdade religiosa, como a instalação de um modelo de comportamento religioso. Neste sentido no seio desse movimento encontra-se a valorização de textos teológicos, e clássicos da literatura protestante que foram traduzidos tanto da Europa como dos Estados Unidos. A tradução e a distribuição dessa literatura atendia não só a um mercado com perspectivas de crescimento, como servia de reforço às pregações realizadas pelos missionários e pastores das igrejas em estado nascente. Não se encontram estudos sistemáticos e científicos a respeito da recepção, difusão e influências da literatura que se propagou a partir do Protestantismo, constituindo-o e sendo por ele constituída.

4. Objetivo

Visa-se explorar possíveis manifestações de esperança no protestantismo histórico, especialmente em suas modalidades de mensagem religiosa, conforme se

apresenta em obras consideradas ícones do protestantismo histórico. Tendo em vista os limites desse trabalho, optou-se pela obra *A Peregrina. Viagem da Christã à Cidade Celestial* cuja autoria é atribuída a John Bunyan (1915). Tal opção se deu em função de que a obra mais conhecida é a primeira parte do livro que se intitula *O Peregrino*, sendo a Segunda parte pouco mencionada por autores clássicos do protestantismo. Além disso, ainda parece pouco estudado o papel da mulher nesse movimento, sua imagem e contribuição à cultura e aos hábitos religiosos, o que estimula essa escolha.

5. Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório, que obedece as diretrizes de uma pesquisa qualitativa, utilizando-se de princípios e postura fenomenológica, enquanto condução metodológica do pesquisador. Isto é visa-se descortinar os fenômenos como eles se dão a experiência mesma, sem a pretensão de explicá-los, mas sim de compreendê-los.

De acordo com Santos (2003) o fazer da história se dá a partir da aproximação do cotidiano e de sua inspiração, onde os relatos trazem impacto ao leitor e o faz refletir.

“O tempo cotidiano é o tempo da experiência imediata e da memória, do sonho e da esperança, tal como uma fagulha que aparece e desaparece em instantes que se perdem e que se tornam história quando alguém debruça-se analiticamente sobre eles. Fazemos história a partir destas fagulhas e ousamos imaginar uma totalidade que sempre nos escapará”. (2003, p.9).

Instrumento

Serão analisados trechos da seguinte obra: *A Peregrina. Viagem da Christã à Cidade Celestial* (1915) de John Bunyan. Trata-se da Segunda parte da obra *O Peregrino*. Tradução de Alfredo Henrique da Silva. 2ª edição. Casa Publicadora Methodista : Juiz de Fora. Impressa originalmente pela tipografia Monteiro & Cia : Lisboa

Serão seguidos alguns procedimentos neste percurso, a saber: exploração de algumas idéias que caracterizam o Protestantismo Histórico e investigação sobre a obra, o autor, e sua relevância para o Protestantismo Histórico. Na sequência realizou-se

leitura cuidadosa da obra selecionada e escolha de trechos para análise e comentário. Procedeu-se a discussão e reflexão interdisciplinar dos trechos selecionados

Ponto de partida: vislumbrar o contexto histórico e a vida do autor

A Viagem do Peregrino, a obra que imortalizou John Bunyan é uma alegoria, escrita em 1678 e que é considerada por alguns autores como a versão protestante da obra “A Imitação de Cristo” escrita em 1440, e lida pelos cristãos católicos. O início da idade moderna significou o fim do império simbólico mantido pelo catolicismo eclesiástico, papal e latino. Através da expansão do mercantilismo com as grandes viagens marítimas ao redor dos continentes, e a conquista de novos mercados, vai se implantando e consolidando as idéias relacionadas ao paradigma anglo-saxão, que hoje pode ser considerado anglo/americano. Através das forças comandadas por Oliver Cromwell as idéias “feudais” na Inglaterra foram cedendo espaço para as idéias Protestantes. Henrique VIII foi o primeiro rei que aderiu ao protestantismo, fazendo da Inglaterra um país autônomo diante de Roma. À quisa de contextualização histórica, é importante mencionar que Thomas Hobbes (1588-1679) foi o filósofo inglês que postulou o absolutismo e que John Locke (1632-1704) foi o filósofo e jurista que criou a teoria dos três poderes: executivo, legislativo e judiciário. O astrônomo Isaac Newton (1642-1727) estabeleceu matematicamente a teoria da mecânica celeste.

Inicialmente reconhece-se que a Europa do Século XVI não foi o berço de um movimento centralizado de Reforma Religiosa. Na de formação da mentalidade protestante, pode-se encontrar três manifestações distintas, que de acordo com Mendonça (1997) são: 1) aquela que se pauta na justificação pela fé, iniciada por Lutero, em 1517; 2) a Calvinista, onde o francês João Calvino dá ênfase a predestinação e a graça, desde 1536, 3) a que marca a separação da igreja da Inglaterra do poder central de Roma, iniciada pelo rei Henrique VIII, a partir de 1553, prosseguindo com a fundação da Igreja Anglicana. Este rei se proclamou como único chefe da Igreja e dissolveu os monastérios. De certo modo pode-se dizer que permaneceu católico romano na doutrina e na liturgia e perseguiu toda a oposição: os católicos eram acusados de traição e os protestantes por heresia. Até o advento do

reinado de Isabel I (1558-1603), na qual os puritanos foram influentes, as perseguições e execuções aconteceram com estatísticas significativas.

De acordo com Mendonça (1984) o puritanismo é essencialmente um modo de ser na vida religiosa, um modo *vivendis* de certos protestantes. Não se pode dar uma definição exata do puritanismo, mas pode-se considerá-lo como um modelo de fé que determina certas práticas, um modelo de discurso (linguagem) que constrói o mundo e é por ele construído. Os elementos mais representativos da teologia puritana estão expressas nas obras de Milton: *Paraíso Perdido* (1667) e de Bunyan *O peregrino* (1678). Weber (1981) ao analisar denominações protestantes e seu ascetismo, afirma a importância da obra de Bunyan, dizendo que ela é muito lida e representativa do puritanismo, mostrando o personagem central: cristão, como um modelo a ser seguido pelos fiéis, se prestando ao que poderíamos considerar um tipo ideal. É um personagem que segundo o autor da obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1981) pode ser descrito como o que expressa as emoções do fiel voltado principalmente a sua salvação.

Pode-se ainda pensar que o Puritanismo constituiu-se como uma modalidade de pensamento e atitude extrema de certos reformadores que acreditavam que esse movimento não havia penetrado com profundidade na igreja da Inglaterra, necessitando que se modificasse sua doutrina e a estrutura de igreja propriamente dita: desejavam **purificar** a igreja nacional, eliminando cada fragmento de influência católica. Defenderam assim experiências religiosas diretas e pessoais, conduta moral sincera e serviços simples de adoração. Acreditavam que o cristianismo, deveria se tornar o foco da existência humana. O Puritanismo Americano desde os peregrinos que em 1620 fundaram a colônia de Plymouth, mantiveram seu ponto de vista sobre uma sociedade cristã por mais de 200 anos, conquistando as colônias de Virgínia, Massachusetts, e Nova Inglaterra, entre outros locais.

São importantes as contribuições para a história cristã vindas o Puritanismo, principalmente através do setor laico. Pode-se citar os discurso de Oliver Cromwell e do governador de Massachusetts: Juan Winthrop, até Juan Milton, que defendeu a execução de Charles I; a poeta Anne Bradstreet (1616-72) até Bunyan que serviu no exército de Cromwell permanecendo no cárcere em Bedford, onde escreveu *O Progresso do Peregrino* (<http://mb-soft.com/believe/tsc/puritani.htm>)

Traços da mentalidade protestante que se desenham no Brasil.

Mendonça (1997) ao estudar as características do protestantismo que se instalou no Brasil, comenta que o modelo de religião indicado pelo personagem de Bunyan esta vigente no solo brasileiro, no qual a conversão ocupa lugar de destaque. Este tipo de fiel, produz uma ética individualista e excludente, onde os laços familiares e a cultura são secundários diante da emoção da conversão. Considera-se que o Protestantismo missionário que chega ao Brasil, está impregnado pelas práticas religiosas dos avivamentos. A obra de Orlando Boyer *Heróis da Fé* (s/data) destaca-se através da pretensão de escrever sobre homens ilustres, fiéis e vencedores tal qual o modelo do texto Bíblico, descrevendo entre outros o “apóstolo de avivamentos” Carlos Finney. Vejamos um trecho dessa obra:

“Ao virar-me para me sentar, recebi o poderoso batismo no Espírito Santo. Sem o esperar, sem mesmo saber que havia tal para mim, o Espírito Santo desceu de tal maneira que parecia encher-me corpo e alma. Senti-o como uma onda elétrica que me traspassava repetidamente. De fato parecia-me como ondas de amor liquefeito; porque não sei outra maneira a descrevê-lo. Parecia o próprio fôlego de Deus. Não existem as palavras para descrever o maravilhoso amor derramado no meu coração. Chorei de tanto gozo e amor que senti” (s/data, p. 140)

Finney é descrito por Boyer como um pregador que ganhou mais de 100 mil pessoas para Cristo, sendo que em uma de suas experiências em Gouverneur no Estado de Nova York, a saber: os bailes e as representações de teatro foram suspensos durante seis anos. Além disso, sua obra *Teologia Sistemática* pode ser considerada uma referência significativa da teologia. No período de 1851 a 1866 Finney dirigiu o Colégio de Oberlim e ensinou cerca de 20 mil estudantes, dando mais ênfase ao coração puro e ao batismo do Espírito Santo do que à preparação de intelecto. Os convertidos através das pregações e práticas religiosas viajavam e andavam de casa em casa para “ganhar almas”.

Há certa relevância em se atentar para as idéias expostas na obra de Paton e Butting (apud Dunstan,1964) na obra *Christ and Civilization* que aponta para o espírito dos

missionários tal qual formulado pelo *National Council of Evangelical Free Churches* em 1912 (p.393-395):

“assim em casa como no campo missionário, juntava-se ao rudimentar dogmatismo teológico uma refrescante brisa de liberdade, que era o selo dos primeiros líderes. De fato, o interesse do movimento era mais evangélico do que teologicamente dogmático. O verdadeiro fulcro do grande levantamento missionário, cujo clímax ainda não foi atingido, era seu humanitarismo religioso e caritativo. Suma finalidade era prática, sua ambição era a proclamação universal da fraternidade, do amor como experiência religiosa, e a redenção dos filhos de Deus das algemas do pecado, da doença, da ignorância e da miséria. ... Os missionários falaram de hospitais e escolas que fundaram para os nativos de terras distantes, e a piedade e a compaixão eram as molas de uma comovente generosidade cada vez mais vasta”.

Matos (2003) em artigo que comenta sobre os processos de restrição sofridos pelos protestantes no Brasil, em boa parte do século XIX, fossem eles brasileiros, ou estrangeiros citando as proibições no uso de espaço público para enterro dos mortos, os espaços e tempos de culto, não podiam ser exteriormente identificados, como tal, os fiéis não podiam casar-se legalmente ou registrar os seus filhos, as crianças sofriam discriminações nas escolas públicas e outras modalidades de estigmas e discriminações ocorriam com os religiosos. No que tange aos sepultamentos eles muitas vezes eram fiéis no mar, perto das praias, ou em cemitérios de escravos ou propriedades particulares. Interessante notar as colocações do autor do texto, que tenta estimular o respeito das novas gerações pelos presbiterianos ilustres:

“O cemitério dos protestantes de São Paulo, é um lugar quer precisa ser conhecido e reverenciado pelos presbiterianos do Brasil. Ali podemos ter um contato direto com a história e contemplar as lápides singelas dos nossos heróis da é, homens e mulheres que deram as suas vidas pela evangelização do Brasil. Eles plantaram igrejas, criaram instituições de ensino, promoveram a literatura, amaram ,serviram, e sim como humanos que eram, também se envolveram em lutas e controvérsias, muitas vezes dolorosas. Grande parte dos sepultamentos no Cemitério dos protestantes é composta de alemães, brasileiros havendo também muitos ingleses, norte-americanos,e portugueses, bem como alguns suíços, suecos, dinamarqueses, italianos, austríacos e pessoas de muitas outras nacionalidades. Sem dúvida, os mortos mais ilustres são os Rvs. Ashbel Greem Simonton e José Manoel da Conceição”. (Matos, 3003, p.3)

Há que se perguntar sobre o que levava os missionários a permanecerem em terras brasileiras enfrentando perseguições e condições adversas ao exercício de seu projeto religioso. E aqueles que aqui estavam e se engajavam junto aos missionários como o

faziam. Do panorama da época conforme descrito por Vicente Themuto Lessa (1938. p. 37-38) :

“No mesmo anno da organização de Brotas (1865) outra cidade paulista foi atingida. Isso no segundo semestre. Partiu Chamberlain para Bragança em companhia do jovem Trajano, que, com Miguel Torres, abandonara o commercio para se fazer colportor e estudante para o ministerio. Distribuíram biblias e literatura evangelica.(...) Bragança, porém não ouviu o Evangelho com a mês promptidão de Brotas. Não demorou muito. Em janeiro de 1866 partiu para Bragança o Ver. Blackford que realizou tres conferências com feliz acceitação. O delegado local impediu a prosseguimento das reuniões e officiou para S. Paulo. Contra a mesma auctoridade representou tambem o missionario. O certo é que o delegado não levou a melhor (...)Por cinco dias consecutivos prégou o diligente sevo de Deus a auditórios que iam de cem a duzentos ouvintes. Apesar disso, só muitos annos depois é que se organizou igreja presbyteriana em Bragança.”.

Para Roger Bastide, a esperança se configura como uma categoria *a priori* no ser humano. Parece que esses homens, enfrentando as doenças tropicais, as autoridades instituídas e defensoras do catolicismo, a missão jesuítica da iniciada com a contra-reforma, que teve na figura de José de Anchieta, um de seus representantes maiores no Brasil, talvez se vissem capazes de prometer e tentar realizar “o sonho” que os conduzia através dos oceanos onde razão e sentimento não parecem se distanciar, ao menos não da forma ideológica como foi visto pelo presbiterianismo que se sucedeu. Neste sentido as modalidades de inserção do protestantismo no século estudado parecem apontar para uma posição contestadora, no sentido em que Desroche aponta como processo de crítica a uma sociedade. Não porque esse embate parecia ser buscado diretamente pelos missionários, mas porque as diferenças promovem uma ameaça a hegemonia vigente, ou ideologicamente vigente. Talvez os brasileiros que se convertiam ao presbiterianismo nessa ocasião, a seguir pelas idéias Desroche e Bastide, encontravam na experiência religiosa uma forma de reajuste entre os ideais e o real da sociedade vigente. Nutrindo-se do cristianismo missionário, e do que fora fermentado a partir dos “Revivals” e retiros protestantes norte-americanos, a utopia e a ideologia se desenharam em um horizonte próximo, até que a dinâmica da religião impusesse novas formas ideológicas pelas vias institucionais. Desde esse ponto de vista torna-se interessante refletir sobre as idéias de Ernst Bloch expostas em sua obra *El Principio esperanza* (1977) que afirma que a esperança é um dos elementos dos sonhos despertos, no qual o homem não aqueles nos quais o homem se aliena, mas sim dos que mostram o

inconformismo com o mal que se apresenta. Encontrar o sentido dessas criações, é fazer nascer as utopias. Segundo esse autor:

“lo querido utópicamente dirige todos los movimientos de libertad, y todos los cristianos lo conocen también a su modo com una conciencia moral amodorrada o emocionadamente, surgiendo del Exodo o de las partes mesiánicas de la Biblia”(op. cit, p. 16)

Percorrendo ainda este texto encontra-se exposta a idéia de que na mentalidade racionalista-urbana, o princípio utópico não pode se impor, porque vê o mundo como concluído, incluindo nele um mundo imaginado, no qual se reflete o efetivamente dado. Neste sentido, não se abre ao devir, senão que o busca no imediatismo da lógica do repetir-se.

Alguns trechos da obra de Bunyan

Trecho 1

Visão da mulher proferida por Gaio (senhor honrado na casa de quem Christã se hospeda) Capítulo XV p.112:113

“Agora prosseguiu Gaio, vou fallar a favor da mulher, para a livrar do oprobrio que sobre ella pesa

Se é verdade que a morte e a maldição entraram no mundo por meio duma mulher (Gênesis III) , não é menos verdade que por uma mulher entrou também a vida e a salvação Deus enviou o se Filho, feito de mulher (Gálatas IV, 4) . Para mostrar o quanto as que vieram depois reprovavam o peccado da nossa mãe commum, é ver como as mulheres do Velho Testamento desejavam ardentemente ser mães de filhos, na esperança de que esta ou aquella fosse a mãe do Salvador do Mundo.

Quando, por fim, veio o Salvador, foram as mulheres que primeiro se regozijaram nElle, antes mesmo dos anjos (Lucas II). Não se diz que homem alguma desse a Christo nem sequer um maravedi, porém as mulheres O seguiram e Lhe ofertaram dos seus haveres (Lucas VIII, 2 e 3) Foi uma mulher que lavou os pés de Jesus com as suas lagrimas (Lucas VII, 37 e 50), e também uma mulher que Lhe ungiu antecipadamente o Seu corpo para ser enterrado (Lucas, XXVIII, 27) .Foram mulheres que choraram quando o Salvador foi conduzido ao supplicio (Matheus, XXVII, 55,61) e as que O seguiram desde a cruz e se sentaram junto do sepulcro, quando o enterraram (Lucas, XXIV, 22,23) .As Primeiras pessoas que estiveram com Elle na manhã da resurreição foram mulheres (João, XI,2 e XII 3 a 6) e mulheres eram também as pessoas que primeiro levaram aos discipulos as novas de que Christo havia

resuscitado. As mulheres, como vemos, souberam-se honrar e participam conosco da Graça e da Vida. “

“Assim também todas as doutrinas e ministros devem despertar em ti, nesta vida mais vivos desejos de participares da grande ceia do Rei no Seu Reino. A pregação da Palavra, os livros espirituais e outras coisas semelhantes apenas se podem comparar ao pôr da meza se nos lembrarmos do grande banquete que o Senhor nos prepara para quando chegarmos a Sua casa.”

O papel da mulher, precisa ser resgatado, em sua imagem de modelo de companheirismo, de fidelidade, de maternidade, de dedicação, bondade, persistência, de testemunha, de alegria no Senhor, inspirado no modelo da Mãe do Salvador.

Ao seu cargo, estariam as tarefas de gerar e educar aqueles que teriam as condições para efetuar a escolha do caminho à Cidade Celestial. Observa-se que durante a viagem as crianças são tentadas e orientadas para que não se desviem do caminho. A Educação era exercida predominantemente pelos pais, sem diferenças de idade, até que no Século XV e sobretudo no XVI, o colégio modificou e ampliou seu recrutamento. Segundo Aires (1981) era composto de uma pequena minoria de clérigos letrados, passando abrir suas portas para um número crescente de leigos, nobres e burgueses, mas também as famílias mais populares. Este projeto de educação, vai ser delineado na América Latina, onde os protestantes, têm um papel fundamental na construção de escolas e colégios, influenciando desse modo a formação da mentalidade cultural e social. Michel Foucault desenvolveu idéias importantes a esse respeito, apontando o desenvolvimento da moral sexual, relacionada ao binômio Bem/Mal. No Puritanismo essa experiência se estendeu em práticas educacionais e de vigilância comportamental, onde o sonho de uma terra nova, onde seus membros se reconheciam como bons cristãos, é um sonho acalentado e construído pelos reformadores. Rubem Alves também concorda com essa idéia, mostrando que esse projeto estava permeado pela ambivalência: crente/ímpio: largo/estreito: provisório/ definitivo.

Trecho 2

Experiências Domésticas. Capítulo X p.69: 70

“Possuía Misericórdia muitos attrativos: era dum rosto formoso e agradável, e muito trabalhadeira. Quando não tinha nada que fazer para si, occupava-se em fazer meia roupa para os pobres. Gentil, que a via sempre a trabalhar e não sabia o destino que ella dava ao que fazia, enamorou-se della e pediu-a em

casamento, dizendo de si para si: aposto que há de ser uma boa dona de casa; vou fazer um bom negocio.

Misericórdia manifestou às senhoras da casa o que se passava, e pediu-lhes informações sobre o seu pretendente, porque sabia que o haviam de conhecer melhor do que ella.

- É um moço aproveitável – disseram, - trabalhador e que faz profissão de religioso, mas tememos que seja estranho ao poder regenerador do Evangelho.

_ Nesse caso, afirmou Misericórdia, acabou-se. Estou no firme propósito de não me casar com marido que possa estorvar-me de seguir no caminho que apprehendi.

Prudência então disse-lhe que ,segundo lhe parecia, não era preciso muito para o despedir : bastava ella continuar como até ali a trabalhar para os pobres, que elle arrefeceria no seu zelo.

E assim foi. Quando novamente a encontrou entre a à sua faina habitual, fazendo roupa para os pobres e ela respondeu (...)

Faço isto, retorquiu ella, para que seja rica em boas obras e para amontoar um thesouro, como um fundamento sólido para o futuro, a fim de alcançar a verdadeira vida”.

Trecho 3

Capítulo I : Christã e seus filhos. p. 3:5

“Não há muito tempo que foi para mim agradável e proveitoso para vós, queridos leitores, contar-vos eu o sonho que tive do peregrino Christão e de sua arriscada viagem para a Cidade Celestial . Nessa ocasião vos relatei tudo quanto vi a respeito de sua mulher e filhos e vos fiz notar que foi tal a falta de vontade de sua família em o acompanhar na sua peregrinação que elle se viu obrigado a seguir viagem sósinho, para não incorrer no perigo que o ameaçava se permanecesse mais tempo na cidade da Destruição.

Ora acontece, devido as minhas muitas occupações, ter eu sido impedido de continuar as minhas costumadas jornadas ao lugar donde partiu o nosso peregrino, e assim, ter estado até agora sem saber o que foi feito de sua família para vol-o poder contar. Ultimamente, porém, tendo-me sido preciso passar por ali, succedeu que, quando descançava num bosque que dista da referida cidade cerca de meia légua, tive o seguinte sonho:

Vi um ancião passar junto a mim, e como levava o mesmo caminho, pareceu-me bom levantar-me e segui-lo. Enquanto caminhávamos juntos, entabolámos, como costumam fazer todos os viajantes, uma conversa, que calhou ser sobre Christão e suas viagens. Fui eu que quebrei o silencio, aventurando esta pergunta:

- Meu caro senhor, que cidade é aquella, lá em baixo, a nossa esquerda ?

Então aquelle ancião intelligente, que se chamava Sagacidade, respondeu-me:

- É a Cidade da Destruição. É muito populosa, e os seus habitantes são muito preguiçosos e corrompidos.

-Assim me parecia, disse eu; já uma vez passei por lá, e sei que tudo quanto dizeis é verdade.

(...) Sabeis o que se passou naquella cidade com um tal Christão que apprehendeu uma viagem á Cidade Celestial?

- Perfeitamente, mesmo todos os incommodos, trabalhos, luctas, captiveiros, dores, medos e temores que soffreu durante a viagem. E não vos admireis disto, porque em todos estes arredores corre a sua fama. (...)parece-me poder mesmo

dizer que as notícias da sua viagem tem servido de incentivo para muitos seguirem o mesmo caminho. É certo que quando aqui estavam todos o tratavam de louco, porém depois que partiu, todo fallam bem d'elle. Dizem que onde agora está passa muito bem. Mesmo muitos, a quem falta o valor necessário para se aventurarem às mesmas provas, ambicionam a felicidade que elle alcançou.(...) Não há que ddividar, porque agora vive perto da Fonte da Vida, já se lhe acabaram todos os trabalhos e dores, nem sabe mais o que é tristeza. Uns dizem que anda agora com uma vestitura branca (Apocalypse, III, 4 e VII, 13) com cordões douro ao redor do pescoço e traz na cabeça um diadema de outro engastado de perolas. Outros dizem que todos os Resplandecentes, que lhe apareceram por vezes durante a sua viagem, são agora seus companheiros, e que ali onde habita me tanta intimidade com elles como a que existe aqui entre visinhos que se dão bem Além disso, da-se como certo que o Rei daquelle paiz lhe preparou uma rica e agradabilíssima habitação na sua corte (Zacharias, III, 7) que todos os dias, anda, come, bebe e falla com Elle (Lucas, XIV ,15) e que recebe os sorrisos e favores daquelle que ali é o Juiz de todos. Mais ainda : alguns affirmam que o seu Rei e Senhor visitará em breve estas regiões e pedirá contas aos visinhos de Christão, das injurias e escarneos que lhe fizeram quando tomou a resolução de ser peregrino. Porque , segundo dizem é elle tão estimado pelo seu Soberano, e este sentiu tanto as affrontas que fizeram a Christão, que as considera como feitas a si próprio (Judas, 14, 15 e Lucas X, 16) o que não admira, porque foi também o muito amor que Christão tinha Aquelle Príncipe que o levou a emprender tão penosa viagem”.

Interessante observar que para seguir seu caminho se fez necessário reconstruir os hábitos, o caráter e os modos de viver em família. Torna-se necessário que se dê primazia a escolha feita, mesmo que outros membros da família assim não o façam o que implica em separações e perdas. É necessário portanto que a fé seja o guia do qual o peregrino não se afaste, tendo em vista o preço humano que muitas vezes tem que ser pago por trilhar os rumos que conduzem a Cidade Celestial. Este tipo de situação parece ser uma alegoria que relata e prepara os missionários para o afastamento eventual ou freqüente de seus familiares. Seja na terra ou nos riscos a vida que tal atitude implica, parece que a justificativa já está posta de antemão como o destino anunciado, isto é predestinado. Temas como morte, separação, perda, e luto, fazem parte dos sofrimentos e das aflições humanas, que uma vez feita a escolha pelo caminho do peregrino, serão um dia curadas e recompensadas, o que se calaça nas imagens do Paraíso.

Trecho 4

Capítulo I p. 6

Esta Christã (tal ficou sendo o seu nome desde o dia em que ella e seus filhos principiaram a fiagem) , uma vez que seu marido tinha atravessado o rio e não pôde receber mais noticias d'elle, viu-se assaltada de lúgubres pensamentos, e , na sua dor vertia abundantes lágrimas. Com a perda de seu marido, viu romper-se o laço amoroso que os unia, e que há que não sogra ao ver-se separado de entes que ama ? mas esta não era a única causa da sua dor. Christã principiou a pensar se a conducta pouco decorosa, que tivera para com seu marido não seria a causa do presente castigo de não mais o ver. Entregue a um sem numero de pensamentos, acudiram-lhe à memória as asperezas que caracterisavam a sua conducta e o mal com que correspondia ao carinho daquelle que sempre fora seu fiel marido. Ralado já seu coração por tão tristes recordações, o seu tormento argumentou mais ao lembrar-se das amargas lágrimas, dos lamentos e dos gemidos de seu inconsolável esposo e em querer vencer a obstinação que sempre mostrara em não querer acompanha-lo.(...)”

“Gritou alto Christã: Senhor, sê propicio a esta peccadora . Este grito ouviram-no seus filhos.

Depois disto pareceu-lhe ver, ao lado da sua cama, dois seres de má apparencia, que diziam: que faremos desta mulher, que mesmo a dormir, clama por misericordia ? Se a deixamos continuar assim, em breve a perderemos, como perdemos seu marido. Duma maneira ou doutra é preciso distrai-la para que não pense na vida futura, do contrario nada deste mundo poderá impedir que se faça peregrina.” (p.8)

“Presas de grande terror, Christã, despertou toda tremendo e a suar em abundancia. Porém adormecendo de novo, seus sonhos tomaram outra forma. Desta vez parecia-lhe ver seu marido na gloria, rodeado de seres immortaes, tendo na mão uma barba e dedilhando-a deante de um que estava sentado no throno, com um arco-iris ao seu redor (Apocalypse, IV, 3). Depois viu-o inclinar-se humildemente, volvendo seu rosto para o escabello que estava debaixo dos pés do Rei (Êxodo, XXIV, 10) e dizer: De todo o meu coração dou graças ao meu Senhor e Rei por me ter trazido para este lugar. Nisto, uma multidão dos que estavam ao redor levantaram a voz e tocaram em suas harpas, porém ninguém podia comprehender as palavras que diziam senão Chirstã e seus companheiros.”(p.8)

“O coração de Christã ardia em desejos de saber de onde e para que vinha, porém cobrindo-se de rubor, manteve-se calada.

- Chamo-me Secreto- disse o viajante e habito com os que estão lá no alto. Consta por aquelles sítios que sentes desejos de encamnar-te para lá e que te pesa o mal que fizeste a teu marido, endurecendo o teu coração para não o acompanhares, e creando estas creanças na ignorância. Aquelle que é misericordioso, me enviou a ti, Christã, para te dizer que é um Deus prompto a perdoar e que Se deleita em esquecer as offensas. Além disso, quer que tu saibas que te convida a entrares na Sua presença e a se sentares-te à Sua meza, onde te alimentará com os deliciosos manjares de Sua casa e te dará a herança de Jacob e teu pae. (Lucas XV, 23) Ali reside aquelle que era teu esposo, na companhia de milhares de amigos, todos reunidos, que sempre contemplam o rosto de Deus . Todos se alegrarão ao ouvir os teus passos no umbral da casa de teu Pae.”(p.9)

-Aqui tens uma carta que te trago da patê do Rei. Da carta, que estava escripta com letras douro se desprendia um perfume delicioso (Cânticos, 1,3) Naquella

carta manifestava o Rei o desejo que tinha de que Christã seguisse o exemplo de seu marido, porquanto esse era o único meio para chegar à sua cidade e para habitar em sua presença, com gozo para sempre. Dominada por viva emoção, a mulher exclamou _ E quereis vós levar convosco a mim e a meus filhos, para que todos vamos adorar o Rei?”. (p .9)

Mendonça (1997) ao estudar as características do protestantismo que se instalou no Brasil, comenta que o modelo de religião indicado pelo personagem de Bunyan esta vigente no solo brasileiro, no qual a conversão ocupa lugar de destaque. Este tipo de fiel, produz uma ética individualista e excludente, onde os laços familiares e a cultura são secundários diante da emoção da conversão.

Através desse trecho pode-se notar que surge um conjunto de imagens de como e onde se encontra o marido, promovendo possivelmente o surgimento de uma perspectiva de encontro e salvação dos pecados, na medida em que fossem seguidos os passos apontados pelo mensageiro. Surgem as idéias do paraíso, que costumam se associar as utopias e aos ideais de esperança que funcionam como suporte para as situações humanas limítrofes, bem como sua correlação com a fé.

Interessante notar que em um trecho da obra Christã e os demais personagens chegam ao Desfiladeiro da Dificuldade e são levados próximos da Fonte que se encontrava nas redondezas. O Grande Coração que guia o grupo observa que a água era tão boa e cristalina, mas ficou turva por causa dos pés de algumas pessoas que não gostam que os peregrinos matem a sede. E aconselha o grupo a colocarem a água no copo para que o pó se assente e que ela fique transparente. Em seguida o guia aponta os atalhos no fundo do desfiladeiro, onde “Formalista” e “Hypocrisia” se perderam.

Trecho 5

“Estes caminhos, disse, são perigosos. Dois homens perderam aqui a vida (...) o que me admira é que possam entrar por aqueles caminhos sem quebrar a cerviz”(...) se alguém os chama para avisar que estão em caminhos maus e perigosos, respondem com galhofas e dizem: a palavra que nos fallaste em nome do Senhor não ouvimos de ti; antes queremos pôr por obra a palavra que saiu da nossa boca.(...) Além daquellas correntes e barranco, tapou-se a passagem com uma sebe. Ainda assim, teimam em passar. Antes querem andar em armadilhas do que subir esta encosta e andar o resto do caminho que conduz ao céu” . (1915, p. 53)

O trecho acima citado aponta para desvios do caminho que deveria ser seguido pela peregrina para ser considerada cristã. Faz-se menção clara aos processos de mascaramento nas relações sociais, bem como a sua formalização. Podem estar apontando para possibilidades compatíveis com a institucionalização da religião. Além disso em uma leitura mais simbólica pode-se ver o processo de ascese, como o esforço que o fiel deve objetivar em seu caminho.

Segundo Rubem Alves (1979, p. 87) , é possível estabelecer uma relação entre a obra O Peregrino e o Quadro “Os Dois Caminhos”, ícone do movimento protestante. Em ambos o homem é posto como estranho na terra e sua Pátria é o Céu. Os dois caminhos são possibilidades de escolhas, que estão em oposição. Assim como empreender ou não a viagem para a Cidade Celestial ou seguir na cidade da Destruição. O primeiro conduziria a Deus (Rei), sendo o Puritanismo o mapa para a chegada. O segundo é um desvio do primeiro através da escolha sustentada pelas vaidades. Segundo a visão Freudiana, o narcisismo, é uma forma de prazer, especialmente desenvolvida na modernidade, onde o homem toma a si mesmo como um objeto de amor. O espelho que aponta para a rota das vaidades é construído por valores sociais, especialmente herdados pelas gerações passadas, cuja realização de desejos de viu obstaculizada e demanda assim a posteridade essa satisfação. Dessa maneira, uma geração projeta na outra a esperança de sua continuidade, de sua realização, ou de sua morte. O acordo para o conflito entre a realização do desejo ou sua postergação, pode ocorrer através da moral e dos costumes, considerados relevantes para um grupo. O modelo narcísico do grupo, aponta para o dever do comportamento de seus integrantes e aqueles que dele se afastam pagam o preço, através da exclusão. Destruir-se ou encontrar o paraíso, através da escolha de atitudes, é uma ótica possível para abordar as representações alegoricamente escritas nesse trecho.

Referências Bibliográficas

AMATUZZI, M. M. Desenvolvimento psicológico e desenvolvimento religioso: uma hipótese descritiva. In Massinim, M. e Mahfoud, M. et Al... Diante do Mistério : Psicologia e Senso Religioso. São Paulo : Loyola. 1999

BASTIAN, J.P. Protestantismo y modernidad latino americana. História de unas minorías religiosas activas en América Latina. México: Fundo de Cultura Económica.1994

_____ La Mutuación Religiosa de América Latina. México: Fundo de Cultura Económica .1997

BASTIDE, R. Le Sacré Sauvage et autres études. Paris : Payot, 1975

BERGER, P. O Dossel Sagrado. São Paulo: Paulinas, 1985

BICUDO, M.A .V. e ESPÓSITO, V.H.C. (org.) Joel Martíns... um seminário avançado em fenomenologia. São Paulo: EDUC

BLOCH, E. El Principio Esperanza. Madrid: Aguilar, 1977

BOYER, O. (s/data) Herois da Fé 2ª edição. Rio de Janeiro : Casa Publicadora da Assembléia de Deus

BUNYAN, J. A Peregrina. Viagem da Christã à Cidade Celestial. 2ª edição. Juiz de Fora: Casa Publicadora Methodista, 1915

CABRAL, A. e NICK, E. Dicionário Técnico de Psicologia, São Paulo: Cultrix, 1998

DESROCHE, H. Sociologia da Esperança. São Paulo: Edições Paulinas, 1985

_____ O homem e suas religiões. São Paulo: Edições Paulinas, 1985

DUSTAN, L J. Protestantismo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964

FREUD, S. Civilization and its Discontents. New York: Basic Books, 1963

JUNG, C.G. Psychology and Religion. London: Routledge na Kegan Paul. 1958

MCFAGUE, S. O mundo como corpo de Deus. In Rev. Concilium: Corpo e Religião (295) Rio de Janeiro: Vozes. 2002/2

MANNHEIM,K. Ideologia e Utopia. Rio de Janeiro: Zahar, 1968

MENDONÇA, A . G. Dois pioneiros e um passeur de frontiéres. Artigo p/ publicação. São Bernardo do Campo : Universidade Metodista, 2002

_____ Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos. O Campo Religioso e Seus Personagens. São Bernardo do Campo: Metodista, 1997

_____ O Celeste Porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil.
São Paulo, Aste, 1995

_____ e VELASQUES, P. FILHO Introdução ao Protestantismo No Brasil, São Paulo : Loyola, 1990

Revista Pandora Brasil

Revista Pandora Brasil Nº 25 – Dezembro de 2010
“Ciências sociais e religião na América Latina”

REILY, D.A. História Documental do Protestantismo No Brasil. São Paulo: Aste, 1993

RIZZO, M. (1948) Religião. São Paulo: União Cultural Editora

SAMUEL, A. (org.) Dicionário Crítico de Análise Junguiana. Rio de Janeiro: Imago

SOUZA, B.M de (org.) Sociologia da Religião no Brasil. São Paulo: PUC.1998

TORRAINE, A . A Crítica da Modernidade. Rio de Janeiro: Vozes

WEBER, M.(1981) A Ética Protestante o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Pioneira